

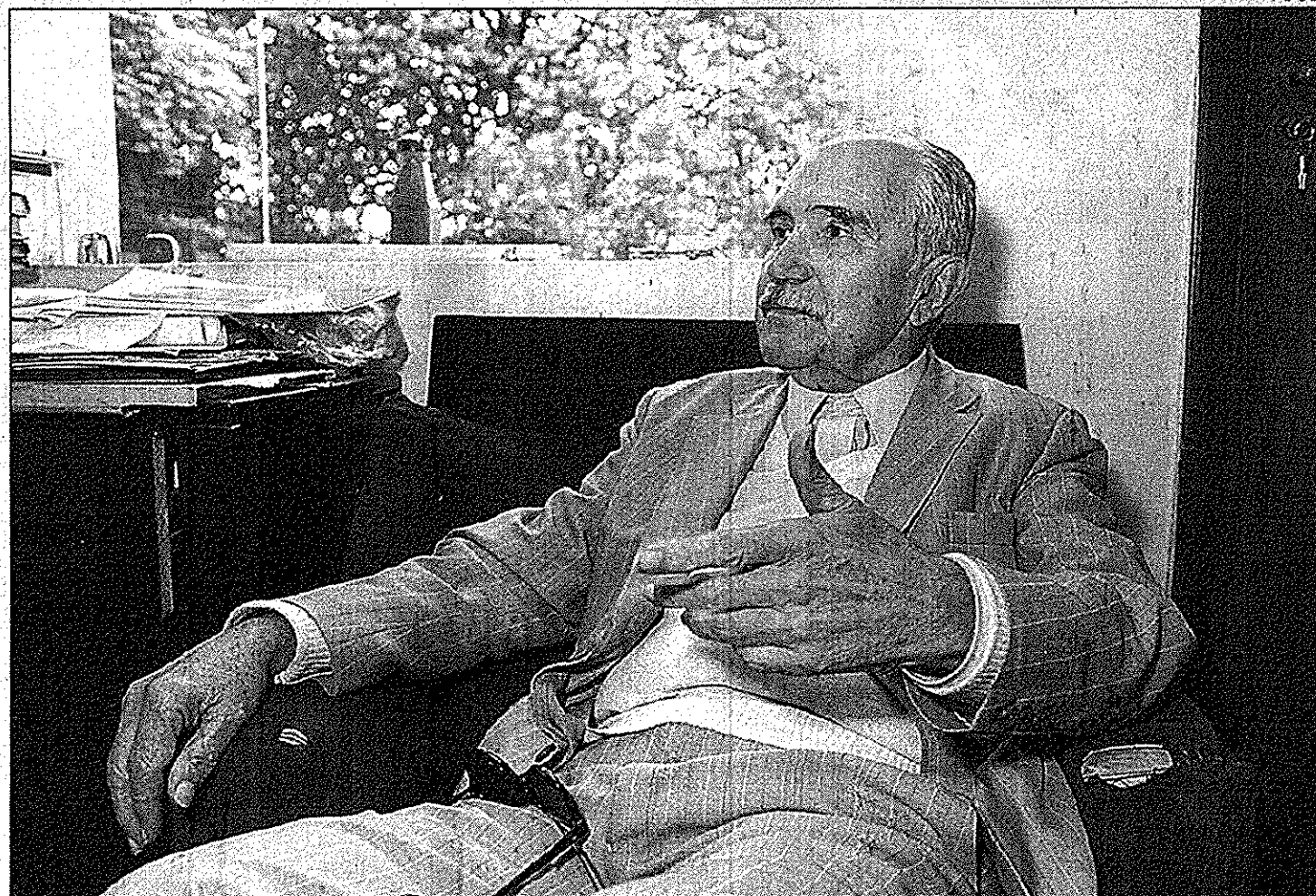
Cláudio Villas-Boas, sertanista, aos 82

Marta Barcellos

• Quando o jovem Cláudio Villas-Boas se engajou junto com os irmãos Orlando e Leonardo na expedição Roncador-Xingu, em 1943, era comum os índios serem considerados como animais. A aventura na selva mudou a trajetória de sua vida. Nos 55 anos restantes, Villas-Boas dedicou-se a tentar mudar o destino das tribos brasileiras, difundindo a concepção de que a cultura indígena deveria ser preservada como está, em áreas isoladas como no Parque Nacional do Xingu, do qual foi um dos fundadores. O mais erudito dos irmãos Villas-Boas morreu na madrugada de ontem, aos 82 anos, de enfarte, em seu apartamento em São Paulo.

Somente na selva, o sertanista passou 40 anos de sua vida em arriscadas expedições que pretendiam conquistar a amizade de tribos arredias da região do Xingu. Foram 230 acessos de malária e incontáveis registros sobre a realidade dos índios e sertanejos brasileiros. Os incansáveis irmãos Villas-Boas travaram contato com tribos como kalapalos, kamaiurás, meinacos, kayabi e txucarramães, algumas delas conhecidas como as mais valentes e temidas do país. Numa de suas mais famosas empreitadas, os irmãos sertanistas travaram em 1973 os primeiros contatos com os legendários índios panará ou kreenukarore, também conhecidos como índios gigantes, no norte do Mato Grosso.

Junto com Orlando e Leonardo, falecido em 1961, Cláudio foi responsável pelo desbravamento de regiões desconhecidas do país: abriu mais de 1.500 quilômetros de picadas na mata virgem, fez o reconhecimento de inúmeros acidentes geográficos do Brasil Central e construiu pelo menos 30 campos de aviação. No rastro do seu trajeto, surgiram vilas e cidades. Algumas das aventuras da expedição Roncador-Xingu foram contadas no livro "A marcha para o Oeste", escrito por Orlando e Cláudio.



CLÁUDIO VILLAS-BOAS: o sertanista fez expedições na selva por 40 anos e convenceu Jânio Quadros a criar o Parque Nacional do Xingu

Sempre lembrados para o Nobel da Paz, os Villas-Boas chegaram a ser indicados para a premiação em 1973. Mas a grande vitória de Cláudio havia acontecido um pouco antes, em 1961, quando conseguiu convencer o então presidente Jânio Quadros a criar o Parque Nacional do Xingu. Algumas das histórias curiosas vividas pelos dois podem ser encontradas em livros, como o "Almanaque do sertão". Na obra, por exemplo, está o episódio em que Cláudio e Orlando difundiram, através das estações telegráficas do Xingu, a reação de uma tribo indígena a um eclipse do sol, em

1947. Os 200 índios lançavam flechas para acender o sol, as mulheres pintavam seus corpos enquanto as crianças gritavam. As transmissões chegaram ao exterior, onde o trabalho dos Villas-Boas até hoje é referência entre os antropólogos.

Ao contrário do extrovertido irmão Orlando, hoje com 84 anos, Cláudio era reservado e intelectual, e gostava de teorizar sobre as aventuras da dupla. Solteiro, conseguiu em 1974 a adoção oficial de Tauarru, um índio então com 12 anos criado pelo sertanista desde pequeno. O rapaz morreu 12 anos depois,

em um acidente de carro. Aposentado pela Fundação Nacional do Índio (Funai), nos últimos anos Villas-Boas estava desanimado com o futuro das nações indígenas. Eterno defensor da demarcação das terras indígenas, duvidava da preservação das tribos diante do avanço dos garimpeiros na região amazônica e protestava a cada novo massacre de índios ocorrido no interior do país.

Numa cerimônia que contou apenas com parentes e amigos mais próximos, Cláudio Villas-Boas foi enterrado às 17 horas de ontem, no Cemitério do Morumbi, em São Paulo.